

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ANTE-ESTREIAS
24 de janeiro de 2024

Com a presença dos Realizadores

Entre a exibição de **Eu Estou Aqui** e **Edmundo**, é exibido **Destino Horizonte**, de Henrique Brazão Barroso ("folha" distribuída em separado).

EU ESTOU AQUI / 2022

Realização: Bárbara Henriques e Jorge de Carvalho / Assistente de Realização: Cláudia Pinto / Imagem: Bruno Veiga e Francisco Fidalgo / 2ª Câmara: Bárbara Henriques e Cláudia Pinto / Som: Rui Filipe Mendes / Mistura de Som: Francisco Marujo / Montagem: Joana Lourenço e Jorge de Carvalho / Correção de Cor: Gonçalo Ferreira.

Produção: Abel Ribeiro Chaves / Direção de Produção: Maria do Rosário Matos / Produção Executiva: Jorge de Carvalho / Assistentes de Produção: Andreia Valeiro, Fernando Coelho e Rodrigo Dâmaso / Cópia: DCP, cor, com legendas em inglês, 25 minutos.

Um universo desconhecido, desvendado através dos escritos nas paredes e portas das casas de banho públicas femininas, o único sítio do mundo onde os homens não entram, onde elas se sentem livres e podem comunicar sem filtros, onde a sociedade patriarcal, de tradição judaico-cristã é exposta. Uma busca pessoal de sentido da vida e de espaço de afirmação, transformou-se num documentário intrigante e revelador de descoberta de um mundo feminino anónimo.

As mulheres escrevem no interior das portas e paredes das casas de banho públicas. Sentadas na sanita expõem o que lhes vai na alma, por vezes, através da obscenidade: desejos sexuais, deixam números de telefone falsos, marcam encontros, falam de política, do clima, de Deus e de tudo o mais. É o lugar mais íntimo delas, não são sancionadas, são livres e é o momento único para se afirmarem. Como homossexuais, como predadoras, como vítimas. Mas quem são essas mulheres? Qual é a sua motivação?

À medida que fui investigando acerca desses escritos e dessas mulheres, encontrei um mundo secreto que não imaginava que existia. Nunca tinha antes percebido como a desigualdade de género, a repressão sexual, o assédio, a violação, a política, a homossexualidade feminina, o questionar da autoridade, eram assuntos tão presentes na vida das mulheres. Claro que elas não exteriorizam todas da mesma maneira. Umam dizem palavras, deixam números de telefone falsos, outras «conversam» umas com as outras, escrevem sobre política, sendo que o sexo é quase sempre o fio condutor. A questão da sexualidade vem ao de cima porque é a repressão suprema. Nós aprendemos desde crianças a reprimir essa vertente.

Talvez, pela primeira vez, me tenha apercebido do conceito de feminismo enviesado que herdei da minha mãe. Ela despertou em mim sentimentos contraditórios: por um lado, orgulhava-me de ter tido uma mãe tão «avançada» para a época (nascida em 1913), por

outro, apercebi-me que o narcisismo dela a impediu de ser mãe, com evidentes consequências para os seus filhos. Talvez as duas coisas estivessem ligadas, se ela tivesse sido uma mãe dedicada, não poderia ter-me transmitido a ideia de que as mulheres tinham de lutar pela sua liberdade, libertando-se das tarefas domésticas e até dos filhos. Por isso, como todas as crianças, desculpei a minha mãe por não ter sido «mãe». Dizia para mim mesma que ela não podia ocupar-se dos filhos porque era uma mulher livre, uma artista, ao contrário das mães das minhas amigas que, no meu entender, eram banais donas de casa, escravas dos maridos e dos filhos, embora muito mais carinhosas e cuidadoras do que a minha mãe. À conta desse dito «feminismo» e da liberdade que ela se queixava não ter e que procurava através da arte, do bailado e do «romance» com os homens da sua vida, tinha renegado os filhos para último plano.

Mais tarde, também, percebi que afinal ela era tudo menos livre, pois estava dependente do amor. E esse amor que ela procurava nos homens todos que conheceu, nunca o encontrou e, por isso, nunca se libertou. Viveu enclausurada talvez ainda mais do que as mães das minhas amigas. Esse «feminismo» mal colocado, mal explicado e enviesado, transformou-me numa libertina. Queria ser tão «evoluída» tão cool, que, por vezes, procurava afeto onde certamente não o iria encontrar. Por isso, resolvi gritar para o mundo o que nunca antes pude fazer, e apesar do título do meu filme ser *Eu estou aqui*, compreendi, à medida que fui investigando, que estava acompanhada por todas essas mulheres que escrevem nas paredes das casas de banho, pois este vazio deixado pela infância não é só meu, é de todas.

Tal como Agnès Varda, na sua curta metragem, *La réponse de femmes*, «je suis unique ok, mais je suis toutes les femmes»

Bárbara Henriques e Jorge de Carvalho

EDMUNDO / 2022

Realização: William Vitória / Argumento: William Vitória, Sylvie Rocha / Diretor de Fotografia: Hugo Cardoso dos Santos / Diretor de Som: Filipe Goulart / Música Original: Patrick Fagan and BJ Boyd - Music / Assistente de Realização: João Santos / Editor de Som: Filipe Goulart / Editor: William Vitória / Gravação Aérea: Skycam Productions / Gaffer: Zé Marley / Direção de Arte/Guarda-Roupa: Andreia Ribeiro / Assistente de Arte: Rafael Liz / Maquilhagem/Cabelos: Joana Cornelsen / Colorista: Hugo Cardoso dos Santos / Elenco: Rafael Ferreira, Bruno Madeira, Diva O’Branco, João Pedreiro, Sylvie Rocha, Ilda Teixeira, Rodrigo Costa.

Produtor: William Vitória / Produtor Executivo: Michael Rocha / Assistente de Produção: André Casanova / Cópia: Ficheiro digital, cor, com legendas em inglês, 29 minutos.

Depois de ser obrigado a voltar para junto dos pais e da terra de onde saiu para estudar, Edmundo reencontra os amigos de infância que deixou para trás, reatando verdades não ditas e sentimentos que ficaram por resolver.

William Vitória

PONTO FINAL / 2022

Realização: Miguel López Beraza / Argumento: Miguel Lopez Beraza, Mireia Graell Vivancos / Fotografia / Miguel Lopez Beraza, Alberto González Casal / Montagem: Pedro Collantes / Som: Marcus Rovisco, Lorenzo Mactrocinqe / Música: Laura Casaponsa / Direção Artística: Adriana Fernandes / Elenco: Elvira Beraza, Jesús López, Elsa Valentim, Pedro Pernas, Filipe Crawford, Dinarte Freitas, Gustavo Sumpta.

Produção: Ringo Media, Makers, Matiné, Bro Cinema / Produtores: Mireia Graell, Luís Campos, Mário Patrocínio, Alfredo Lobo / Cópia: DCP, cor, com legendas em português, 23 minutos.

Ponto Final é um pretexto, uma investigação. Neste filme, o processo de fazer um filme é a solução para a falta de comunicação na minha família, a reconciliação com os nossos próprios sentimentos. Nesse processo, fingimos ser outros para nos compreendermos a nós próprios, jogando com a memória partilhada que é o cinema, e misturando-a com memórias pessoais.

Este projeto nasceu há vários anos, embora eu não o pudesse saber. Nasceu no momento em que uma célula idiota decidiu replicar-se ferozmente no corpo dos meus pais, ocupando o espaço de outras células saudáveis, comendo a sua comida.

O cancro da mama da minha mãe e o cancro da próstata do meu pai mudaram a forma como eu os via. Pela primeira vez, introduziram temporalidade na imagem que tinha deles, podia perdê-los a qualquer momento, estavam numa idade de adoecer, talvez de começar a precisar de cuidados. Eles! Sempre bonitos e fortes, tinham agora nos seus rostos a expressão da incerteza, do medo, de uma fragilidade contagiosa que permeia tudo e transforma. Porque é que os duches de convalescença do meu pai após a operação à próstata, a sua dor, ficaram na minha memória? Ou a preocupação da minha mãe sempre que recebe os resultados dos seus exames médicos de rotina? Ou quando ela vê uma mancha na sua pele?

Em Ponto Final, o meu pai e a minha mãe fazem de Marcello Mastroianni e Catherine Deneuve, num jogo em que nós os três habitamos o cinema e o seu tempo. A forte semelhança que os meus pais tinham com Mastroianni e Deneuve, o cancro do pâncreas que Mastroianni enfrentou, a história que conta que Mastroianni foi jantar no restaurante Ponto Final. Todo esse jogo leva-nos a agir, leva-me a perguntar a mim próprio e a eles coisas que de outra forma nunca nos teríamos perguntado.

Ponto Final é um projeto que quer falar do medo da perda com ousadia, algum humor e afeto, e quer fazê-lo usando o universo do cinema, a sua falsa imortalidade e a sua idade intemporal. Como a das estrelas.

Miguel López Beraza